

ANTÔNIO BATISTA PEREIRA
AMIGO INCONDICIONAL DE SÃO PAULO

A. C. Pacheco e Silva

Um Paulista de Adoção

Nascido no Rio Grande do Sul, Baptista Pereira era ainda adolescente quando se mudou para São Paulo, em companhia de seus pais.

Radicou-se rapidamente em o nosso meio, manifestando logo grande apego pela nossa terra, e particular afeição pelos paulistas, fazendo aqui numerosas amizades, que conservou durante toda a sua vida.

Cursou, com brilhantismo, a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, destacando-se entre os seus colegas pela sua precocidade, inteligência peregrina, amor aos estudos e dedicação às letras.

Quando estudante, colaborou ele no jornal "Comércio de São Paulo", dirigido por Eduardo Prado, de quem foi grande amigo.

Ledor infatigável, dotado de prodigiosa e fidelíssima memória, era capaz de reproduzir trechos inteiros dos nossos clássicos, que conhecia a fundo.

O seu amor às letras levou-o a inscrever-se no Concurso de Literatura, aberto no Ginásio Oficial de Campinas. Foram seus competidores — Coelho Neto e Alberto Faria, figuras de grande projeção nacional, ao passo que não passava ele de um jovem recém-formado, desconhecido e sem maiores credenciais. A banca examinadora habilitou os três candidatos, classificando Coelho Neto em primeiro lugar, e, em 2º lugar, conjuntamente, isto é, empatados, Alberto Faria e Baptista Pereira. Conquanto não tivesse obtido o primeiro lugar, o nome do mais jovem dos candidatos projetou-se no cenário cultural brasileiro, como o de uma grande esperança das letras pátrias, pelo talento e cultura, que demonstrou em todas as provas.

Sentindo marcada vocação para o magistério, Baptista Pereira ingressa no corpo docente do Ginásio São Bento. É nomeado, logo depois, Promotor Público em São Paulo. A sua passagem pelo Ministério Público ficou assinalada, na história do foro paulista, pelos seus dotes oratórios, conhecimentos jurídicos e estupenda capacidade de argumentação ao travar, no júri, debates com advogados de grande renome nos auditórios de São Paulo, entre os quais Brasília Machado e Capote Valente.

Um amigo de mais de meio século

Tive a ventura de conhecer Baptista Pereira, em Paris, quando era eu ainda menino, em 1907, em casa do meu tio Gabriel de Toledo Piza

e Almeida, então Ministro Plenipotenciário do Brasil na França, onde me encontrava hospedado, em companhia de meus saudosos pais.

Meses depois, ao regressar da Europa, um dos nossos companheiros de viagem foi Baptista Pereira, que se fizera amigo de meu pai, com quem conversava longamente durante a viagem sobre assuntos históricos, de que ambos eram cultores apaixonados.

Iniciava então o jovem patricio a sua carreira diplomática, indicado que fora pelo Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, para servir de secretário de Rui Barbosa, na II Conferência da Paz, em Haia, onde o chefe da nossa representação teve tão destacada atuação, apontado que foi como "Águia de Haia".

Insinuante, extremamente simpático, comunicativo, bem educado e de maneiras distintas, o Secretário de Rui não tardou a ingressar em sua família, casando-se com a primogênita do grande brasileiro D. Maria Adélia. Isso o levou a abandonar a diplomacia e ingressar no Ministério Público, no propósito de residir no Rio, e viver sob o mesmo teto do sogro, que se encontrava, no momento, no apogeu da glória e necessitar da cooperação do genro, que julgava indispensável.

Conquanto ausente, Baptista Pereira não deixava de entreter correspondência assídua com os seus amigos de São Paulo, onde vinha sempre que se lhe oferecia oportunidade, não se cansando de louvar o espírito progressista dos paulistas.

Muitos anos depois de o ter conhecido em Paris, já formado em Medicina, tive eu outros encontros com Baptista Pereira, estreitando as nossas relações de amizade. Passei a ter por ele grande afeição, além de lhe admirar a rara inteligência, prodigiosa memória, acendrado espírito cívico, incomparável cultura e encantadora prosa. Conquanto bacharel em Direito, revelava, o meu grande amigo, interesse pela Medicina e excepcionais conhecimentos de Biologia, discorrendo, com grande desembaraço e erudição, sobre as teorias de Darwin, então muito em voga, o que me levou a dele aproximar-me ainda mais.

Em 1932, participei ativamente da Revolução Constitucionalista. Terminada a luta, fui preso e recolhido à Sala da Capela, na Casa de Detenção, no Rio de Janeiro, onde já se encontravam várias outras pessoas, por se terem manifestado e trabalhado a favor de São Paulo.

Ouçõ então falar, com grande entusiasmo, pelos presentes, de Baptista Pereira, que ali estivera, pouco antes, também preso, pela sua destacada atuação em favor dos paulistas. Embora detido, continuou porém, o grande amigo de São Paulo, a lutar, denodadamente pela vitória dos constitucionalistas.

Disse ele próprio, em seu estilo eskorreito e inconfundível, o porquê de sua decisão inabalável: "Fui por São Paulo. Tudo me aconse-

lhava o contrário. Se escutasse a voz do interesse, nada mais fácil do que ajeitar-me. Conto, quando não com a amizade, com simpatias entre alguns dos mais fortes esteios da Ditadura. A química das adesões tem tal riqueza de matizes, gradações de cambiantes tão imperceptíveis, que as mais abstrusas abdições da personalidade se podem facilmente corar da tintura do interesse público e do patriotismo. É só uma questão de estômago.

Fui por São Paulo. Ardente e impulsivamente. Tenho pelo mais sagrado dos deveres o da gratidão. E devo a São Paulo o túmulo de meu pai e o berço de minha mãe.

Por vinte anos a fio meus pulmões respiraram somente os ares piratinianos. Paulistas são os meus companheiros de adolescência e juventude, o que quer dizer paulistas são os meus melhores amigos". Fui por São Paulo. Não poderia deixar de o ser. O lábaro de São Paulo era a constitucionalização do país. Aos 5 de novembro de 1931, na Faculdade de Direito, eu já o reclamara, com a conservação do estatuto de 24 de fevereiro, modificado de acordo com o tempo, mas mantido no arcabouço.

Maravilhoso trabalho de inteligência e descortino, não há outro que se lhe compare nas linhas mestras e na ductibilidade da forma aberta, a todas as melhorias e modificações, sem perigo de descambar em experiência, reformas e novidades imprudentes e perigosas. Imputam-lhe é verdade todos os males e vícios do regime deposto. Não há constituição boa quando os que a executam querem ser deliberadamente maus".

A prisão

Fácil é de se imaginar a sorte reservada ao grande defensor de São Paulo, que não perdia vaza, empolgado na defesa da Democracia, para lutar e ajudar os revolucionários de 32. Seria fatalmente preso, pela sua conduta diametralmente oposta à Ditadura de Getúlio Vargas, que combatia com todas as suas forças.

Vejamos como se referia ele à sua prisão, em linguagem pitoresca e repassada de orgulho, por ter sido a favor dos paulistas: "Fui preso à porta da Câmara dos Deputados, após uma sessão do Tribunal Regional Eleitoral.

Avisado de que um Secreta me estava esperando, fácil me seria burlar-lhe a vigilância e pôr-me a bom recato. Mas não via vantagens. Estava vivendo uma vida de fera acuada. Dormia sistematicamente fora de casa, em lugares diversos. Já não podia mais. Era melhor tirar a limpo de uma vez por todas a minha situação.

Desci a escadaria central com toda a calma. Acercou-se-me um rapaz moço e cortês, que caiu das nuvens quando, à sua primeira pergunta sobre a minha identidade, lhe retruqueei: "E o senhor é da polícia e vem convidar-me para um passeio até lá, não é ?

Não podia o meu galfarro atinar como fora pressentido e descoberto. Usou de forma clássica: “O Capitão Dulcídio quer ter uma palavrinha consigo... Para informações”.

Ri-me e tomei o automóvel com ele. Só tenho que louvar-me da sua cortesia e gentileza. Prontificou-se a levar-me ao meu escritório, esperando o tempo que me conviesse. Aconselhou-me a prevenir a família, porque “às vezes essas cousas demoravam dois ou três dias”. Pôs-me à minha disposição para levar-me à casa de qualquer amigo, onde me fosse mister ir. Nada me seria mais fácil do que desaparecer, se me utilizasse desse convite. Repugnava-me porém deixar mal o meu aprisionador, abusando-lhe da confiança. Fui diretamente do escritório para a Polícia Central. Lá me puseram numa sala transformada em prisão, onde havia uma dúzia de camas. Ali se achavam Assis Chateaubriand, Waldemar Loureiro, o Tenente Ávila e mais duas ou três pessoas que não conhecia.

Ao cabo de duas horas um policial áspero convidou-me a acompanhá-lo. Pensei que a presença de qualquer autoridade me interrogasse. Engano. Descemos a escadaria e rumamos de automóvel para a Rua Frei Caneca.

Dentro de dez minutos estava eu na Sala da Capela, entre quarenta e tantos pijamas. Era o uniforme dos presos. Dentro de três horas era o meu também”.

Este depoimento de Baptista Pereira, das circunstâncias em que foi preso, traduz bem o seu caráter reto e a bonomia com que recebeu a ordem de prisão, sem procurar a ela se furtar para não comprometer o encarregado de detê-lo, que se mostrara tão cortês e solícito.

O Diário da Capela

Preso o defensor impertérrito de São Paulo, não se conformava em permanecer inativo, contrariando o seu temperamento irrequieto e combativo, empenhado que estava em continuar a trabalhar pela vitória dos paulistas. Eis como relatou ele o que então ocorreu: “Encarei friamente a hipótese de ser muito prolongada a minha detenção. Como aproveitá-la? Lendo? Estudando? Não me bastava. Isso eu o fazia mecanicamente desde que me conheço: o livro tornara-se-me uma segunda natureza. Nunca passara um dia sem tê-lo na mão ao menos por duas horas, mesmo quando aos outros parecesse impossível que, absorvido por outras preocupações, achasse tempo para tal.

Resolvi então fundar um jornalzinho na prisão. Seria o meio de não desperdiçar o tempo e manter acesa a flâmula da resistência moral. A palavra é a arma dos livres. Alcança mais que o fuzil, a metralhadora e o canhão. Tem o estranho poder de desarmá-los e volvê-los contra os seus próprios donos. Quem não crê na palavra não crê no futuro e é indigno de

viver. Eu conferia à palavra o meu protesto. De nada valia então. Mas eu o entregaria aos ecos do futuro.

Procurei desde logo organizar o jornalzinho, reunindo os elementos capazes de compô-lo e redigi-lo. Não me faltaram. E ao dia seguinte da minha prisão já saía o primeiro número do “Diário da Capela”.

Resolvi publicar tudo que me dessem os companheiros. Não era ocasião de exigência literária ou de qualquer natureza. Reservei-me a redação do artigo de fundo e de alguns tópicos, quer sobre assunto do dia, quer sobre os eternos princípios da liberdade e do direito, de cuja falta em nossa pátria estávamos sentindo tão duramente as conseqüências”.

O jornalzinho ganhou logo corpo, lido que era, avidamente, pelos presos da Sala da Capela, que se encarregavam de distribuí-lo entre os visitantes. Dessa forma, grande parte da população do Rio de Janeiro, quase toda ela favorável a São Paulo, dele tomou conhecimento, passando-o de mão em mão.

Na introdução do seu livro “Sala da Capela”, Baptista Pereira reproduziu os textos do jornal por ele elaborado na prisão. Nele fui buscar grande parte do material utilizado na redação deste trabalho. Ali vem relatado, como funcionavam a publicação e a distribuição clandestina do referido jornal, logrando burlar a vigilância severa da Ditadura: “Recebíamos mensagens, não só do pavilhão fronteiro ao nosso, como ainda dos morros circunvizinhos.

Depois progredimos. Conseguimos instalar um aparelho de rádio na própria prisão e conservá-lo desconhecido à quase totalidade dos próprios companheiros.

O serviço telegráfico do Diário da Capela era, sob certos aspectos, perfeito. Sabíamos diariamente todas as entradas de novos presos, os boatos correntes na cidade, as peripécias da guerra, o noticiário dos boletins espalhados pela cidade por um grupo de rapazes destemidos que a Polícia nunca conseguiu descobrir”.

Impressões da Sala da Capela

Os dias passados na “Sala da Capela”, a atmosfera de apreensões dos que lá se encontravam, na expectativa da vitória de São Paulo, calaram fundo no espírito de Baptista Pereira, como se depreende de suas palavras: “O tempo vai delindo da memória recordações desagradáveis. Quando penso na Sala da Capela, com suas vastas janelas raspadas sobre os pátios interiores, com as suas duas mesas de sarrafos e os seus dois renques de camas, vêm-me logo à memória os bons companheiros do Diário, vêm-me logo à memória alguns amigos que ali adquiri. Perdoei de há muito aos que me encarceraram pelo repouso que ali tive e pelos amigos que ali granjei. E é com emoção e saudade que penso na Sala da Capela.

Desde que foram permitidas as visitas, minha mulher e meus filhos iam invariavelmente passar comigo a hora curta que era concedida.

Apesar de muito preocupado com a minha situação e de muito apreensivo consegui sempre dominar os nervos e aparecer aos meus com uma face sempre serena e corajosa”.

Conta ele, a seguir, a funda impressão que lhe causou o fato de haver a sogra manifestado o desejo de enviar a aliança, que pertenceu a Ruy Barbosa, a São Paulo, a fim de ser entregue aos promotores da campanha do “Ouro para o bem de São Paulo”.

Nestas linhas admiráveis, Baptista Pereira deixou extravasar os seus delicados sentimentos, a sua incomensurável admiração pelo sogro, e a grande estima que devotava à sogra, que muito lhe queria. A significação expressiva do gesto desprendido da viúva de Ruy Barbosa, ao desfazer-se do seu bem mais precioso, em favor de São Paulo, não podia deixar de comovê-lo até as lágrimas, ante a grandeza desse ato sublime e incomparável. Invocou ele então a memória do grande Ruy, num momento decisivo, em que estavam em jogo os princípios liberais, pelos quais se batera denodadamente durante toda a vida o maior dos brasileiros em favor dos paulistas.

Impressionante coincidência

Ao falar da mulher paulista, cujo desempenho na Revolução de 32 foi espetacular sob todos os pontos de vista, comenta Baptista Pereira: “A mulher paulista (que assombro é a mulher paulista !), a mulher paulista entrou em cena. O espírito superficial, que se deixasse levar por aparências, não conhecesse o cerne da raça e não tivesse indulgência para com a natureza humana, a mesma em todos os pólos e latitudes, nas épocas normais, não poderia compreender a transfiguração, que de um momento para outro se operou no espírito, no coração e no caráter da mulher paulista. Todas as classes e todas as profissões comungaram no mesmo fervor de sacrifício e dedicação, desde a operária modesta ao grupo das estrelas da moda, desde a serviçal doméstica às princesas de salão.

Epidermes que nunca haviam conhecido o calor de um fogão improvisaram-se rancheiras de batalhões e sofriam por longas horas sem murmurar o martírio da lenha verde e molhada, cuja fumaça lhes arrancava lágrimas dos olhos; melindrosas assustadiças, cheias de não-me-toques e dengues, capazes de desmaiar ao contato de uma barata ou à vista de um camundongo, alinhavavam por oito dias um curso de enfermeira para acorrerem aos hospitais de sangue, e ali — por vezes debaixo de bombardeio — ajudarem as mais terríveis operações; mãos que só de nome conheciam a existência de agulha e do dedal começaram a não conhecer outra cousa na vida, curvadas dia e noite sobre a roupa dos soldados. Todas trabalham: todas cooperam; todas solicitam; todas dão; todas inventam; todas organizam. Graças a essa atividade de abelhas nada falta e tudo

sobra. Sobram as rações. Cada soldado recebe, além da ração cotidiana, uma lata com outra que, além da sobressalente, é também excelente. Faz frio, nas montanhas e nas trincheiras; aparecem às centenas os agasalhos e as mantas de lã, feitas a crochê. É preciso assistir às mulheres e filhos dos combatentes. Surgem de um momento para outras instituições que os põem ao abrigo da necessidade e do desconforto. Há uma formidável emulação de fazer mais, em contribuir mais, em sacrificar-se mais pela terra querida. Somem-se todos os interesses superficiais da vida e todo São Paulo rutila no esplendor de um heroísmo sobre-humano”.

Ao escrever estas palavras lapidares, estava o meu velho e saudoso amigo bem longe de imaginar que, ao traçar de forma magistral o perfil da mulher paulista, estava ele, inconscientemente, retratando a sua própria filha que, trinta e dois anos depois sofreria a transfiguração mais completa da mulher paulista: a Irmã Maria Ana de Lourdes f.m.m. (Lucilla Baptista Pereira), humilde, modesta e tímida Irmã de Caridade, que deixara a profissão médica para dedicar-se exclusivamente ao seu apostolado, a um tempo sagrado e humanitário, à cabeceira dos doentes.

Percebeu ela, porém, certo dia, que outra nobre missão lhe estava reservada — a de lutar contra a subversão e o comunismo que, em 1964, ameaçavam seriamente o Brasil, contrariando os princípios sagrados da religião católica. A neta de Ruy Barbosa, o maior dos nossos arautos das liberdades humanas: a filha de Antônio Baptista Pereira — grande escritor, patriota ardoroso e grande amigo de São Paulo — sai decididamente à rua, conclamando toda a multidão, à espera de um chamado, a acompanhá-la na marcha grandiosa e gloriosa, que constituiu um dos motivos mais decisivos no desencadeamento da Revolução de 64.

Há, por vezes, sem dúvida, no decurso da vida humana, notáveis e impressionantes coincidências. Esta, por exemplo, que acabamos de assinalar, a de um pai retratar, com antecedência de anos, o perfil da própria filha, é uma delas. Não teria porventura o espírito do inolvidável Rui, aliado ao civismo e amor a São Paulo, de Baptista Pereira, inspirado a Irmã Maria de Lourdes, quando esta, num arroubo de verdadeiro heroísmo, transforma-se subitamente em destemida condutora de homens, empenhada na causa sagrada da liberdade de sua Pátria ?

Eis aí uma interrogação que ainda paira sobre o nosso espírito, a exigir maiores explicações daqueles que se dedicam ao estudo da pre-municação.

*

*

*